



A sociedade que se ignora

Luiz Costa Lima¹

A quase absoluta ausência de suplementos culturais no país explica tanto que muitos livros se publiquem sem o conhecimento do leitor, quanto que, em número bem menor, outros devam se contentar com uma única resenha, boa, apenas informativa ou má, ou com a transcrição de um pequeno fragmento.

Os responsáveis pelas informações culturais justificam suas restrições porque, afinal *cumprem ordens*. Talvez alguns então se lembrem que, no final da Segunda Guerra, os juízes do tribunal de Nuremberg não deixaram de condenar muitas pessoas precisamente porque haviam cumprido ordens. Mas, ainda quando o saibam, isso não os preocupa. Afinal, agora, apenas silenciam textos e não exterminam pessoas. (Não levemos adiante o raciocínio – ao leitor de fato interessado, sugere-se tão só que guarde o imperativo de *cumprir ordens* com o que se falará no final sobre o caráter da sociedade atual).

A curta reflexão acima foi feita diante do que sucedeu com o último livro de Sérgio Sant'Anna, *O Homem-mulher* (Companhia das Letras, 2015). Conhecido e afamado, Sérgio Sant'Anna é um de nossos escritores pós-Lispector que permanece sem a apreciação crítica merecida. Seu livro de contos mais recente, *O Homem-mulher*, passou por nossos poucos concursos literários, que sequer o classificaram. Embora o estranhe, não atino com a razão de sua recusa. Apenas me disse que, tendo a oportunidade de escrever para *Eutomia*, não tinha de ter a preocupação de ser telegráfico.

O Homem-mulher apresenta o artifício de abrir e terminar o relato dos contos por um mesmo personagem, em dois momentos diversos da vida. Adamastor, Fred Wilson ou Zezé, é alguém que, sem saber exatamente o que faz, procura criar para si uma identidade fictícia. Sem pretensões homossexuais, adquirira o costume de se vestir com as peças de suas irmãs, e aproveitara o costume dos chamados blocos de sujos para sair, no carnaval, trajado de mulher. Na oportunidade, dá-se bastante bem e, em poucas páginas, combinando lança-perfume, cemitério e uma adolescente bem disposta, Sant'Anna configura uma aventura erótico-carnavalesca, que, sendo excitante, não é pornográfica – ao contrário do recurso vezeiro de autores, na tentativa de conquista do público.

O relato não passaria de acidental se o conto aí terminasse e o personagem, cansado da vidinha de uma cidade do norte, não resolvesse emigrar e viesse a insistir em sua identidade fictícia, nas redondezas da Lapa, no Rio. Contentando-se com uma boêmia de quase miserável e com sua capacidade de simpatia e sedução, forma aos poucos um pequeno grupo, com que pensa iniciar uma *troupe* teatral. Forma-a um *maricón* exilado de Cuba, que conta com uma pequena bolsa de exilado, uma moça que detesta o pai e recebe uma pequena renda da mãe e um desempregado, pau pra toda obra. Com eles, Adamastor ou Zezé pensa em realizar sua ambição de diretor teatral e dramaturgo. Quem escreveria o quê? O próprio homem-mulher, que, sem ideia do que fosse teatro ou escrita improvisa com os demais as histórias de suas próprias vidas. Sem saber que o fazem, cumprem um comportamento que hoje se costuma chamar performático. O estranho seria que tivessem êxito. Não que para isso faltasse disposição ao grupo. Intitulando seu improviso de “Os Desesperados”, o autor-diretor consegue – e esta é a primeira sátira explosiva de Sant'Anna – ingressar na *Lei de Incentivo à Cultura* e, sem maiores explicações, dispor de uma temporada em um teatro conhecido do Rio. Se da lei não jorrava por si dinheiro, Verônica, a moça da *troupe*, resolve momentaneamente o problema arrecadando um bom dinheiro de seus encontros com velhos ricos.

Ainda assim, a permanência do empreendimento é precária. O público é mínimo, o dinheiro, mingüado, e a imprensa nada noticia. Zezé toma a iniciativa de publicar uma longa nota em que recrimina o descaso e fala de seu projeto de contar a vidinha de seus companheiros. O alvitre surte algum efeito. O crítico teatral do único jornal da cidade – não por

acaso o teatro se situava no Rio de Janeiro – aparece um dia e assiste ao espetáculo. Seu comentário não poderia ser pior. O grupo se choca e, apesar de sua força de vontade, Zezé está bastante abalado. Mas a temporada está no fim e não custaria muito enfrentar os últimos dias. Então a estória se precipita. O diretor costumava, no fim da peça, usar um revólver em função “teatral”, dirigindo-o contra si, para os outros, para a plateia. Como costumava estar desarmado, não assustava ninguém. Mas na penúltima apresentação, Zezé muda de plano. No final da peça, aponta para si e dispara.

O estampido declara que se matara. A roda da fortuna agora estará mudada. Não de imediato. A chegada dos bombeiros, da polícia, a declaração do suicídio apenas antecedem a dissolução do efêmero grupo. A mudança será operada depois da intervenção de um chamado anticrítico. Ele estuda a estória de Zezé e a proposta de autocenar-se. O que seu texto exprime é a própria definição do performático: “(...) Não esqueçamos que ele não apenas representava, mas era tal personagem”. Tarefa que o anticrítico considerava apropriada a uma estética revolucionária. Portanto que o sacrifício de Zezé abria uma nova cena na história do teatro. Sua repercussão é enorme e não só na cidade de origem. A peça, “Os Desesperados”, vira notícia, a peça é montada no exterior e as irmãs do morto chegam a ganhar algum pecúlio. Sant’Anna não precisa explicitar sua zombaria. Ela já fora bastante. Se a mídia nacional tem pouco espaço para os livros, está sedenta, a exemplo da rede midiática internacional, de fatos impactantes.

Detemo-nos tão só nos relatos terminais porque caracterizam a ambiência de *O Homem-mulher*. Mas há outras peças que tornam mais evidente seu caráter de aguda ironia contra a atualíssima atualidade. Focalizemos umas poucas, com destaque para “Os Lencinhos”, seguramente um dos melhores contos que já se escreveram neste país. Nele, a exploração do erótico segue uma trilha inédita e, se há uma trilha crítica, ela ferirá a concepção romântica do amor. Sem premeditação de uma ou de outro, um paciente e sua dentista de improviso convertem sua consulta em uma cena de encontro ardente. Ele, no entanto, só vale enquanto dura. Terminada a consulta, *eros* volta a seus cômodos; a dentista declara, com toda naturalidade, que em poucos dias viajará em lua de mel com seu noivo e o paciente, ao encomendar seu presente a uma rendeira, prepara seu futuro casamento com esta. Para a dentista, que toma a iniciativa, ou a psicanálise ainda inexistia ou já era um conto de carochinha.

E se dá sem abalos ou estremeções. Tudo tem a aparência de um filme hollywoodesco de segunda classe. Sem que se venha à banalidade pragmático-mercantil do filme de custo barato, atração erótica e afinidade afetiva são vistas como territórios absolutamente independentes. Como o contista não é um filósofo ou o relato curto não tem espaço para rumações demoradas, não se espera do autor senão que saiba separar a água do vinho ou, no caso, converter uma cadeira ortopédica em uma cama de prazeres.

Tão interessantes quanto são os contos “O rigor formal” e “As antenas da raça”. No primeiro, a mulher de um escritor se vinga do marido menos por traí-la, porque também ela o fazia, senão pelo pretense rigor formal que afirma exercer quando acabara de aceitar a adaptação de obra sua para um seriado de TV. A acusação implícita é menos à facilitação midiática do escritor pretensamente exigente do que a uma sociedade que renunciou a todos os valores em favor do apenas monetário. Mesmo que o autor mantenha sua contenção de palavras, não é arbitrário pensar que temos aí uma das acusações mais pungentes à sociedade contemporânea. Como nela toda a escala de valores está reduzida ao “quanto ganharás”, cabe dizer que bastará escavar um pouco e logo se mostrará o cinismo e a hipocrisia virá à tona.

No segundo, “As antenas da raça”, ressalta desde logo a ironia do título. É sabido que a expressão conota orgulho nativista, quando não explicitamente racista. No conto, porém, isso pareceria deixado em segundo plano. As antenas concernem as asas de uma barata asiática que, vinda na bagagem de um embaixador, surge, durante um elegante jantar de cerimônia, na sopa da embaixatriz. Na procura de escondê-la de seus convidados, ela a engole. Mas a barata sobrevive e, ao mexer-se em seu estômago, leva-a ao desespero de encharcar-se de uísque e atirar-se do alto de seu edifício. O autor daí não tira alguma “moralaja”. Sarcástico e zombeteiro, Sant’Anna vê seu mundo por uma lente de distância. Mas, se o leitor se permitir adotar uma de aproximação, verá o que esteve escondido de si mesmo. (Provavelmente, ele não fará isso: ser mergulhador de textos não é bom emprego).

ⁱ **Luiz Costa Lima** é professor emérito da PUC (RJ). Lançou recentemente *Os Eixos da linguagem*. Blumenberg e a questão da metáfora (São Paulo: Iluminuras, 2015); sua próxima publicação sairá em 2017, pela UNESP e terá por título *Melancholia. Literatura*.